



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO/CEDUC  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**NELY GONÇALVES DE QUEIRÓS**

**A ARTE E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

**Campina Grande – PB  
2018**

NELY GONÇALVES DE QUEIRÓS

A ARTE E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>o</sup>Dr. Eduardo Gomes Onofre.

Campina Grande/PB  
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

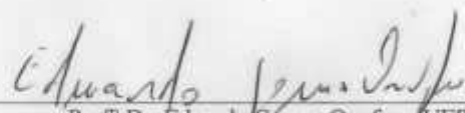
Q3a Queirós, Nely Gonçalves de.  
A arte e a criança com deficiência visual [manuscrito] / Nely Gonçalves de Queiros. - 2018.  
28 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre , Departamento de Educação - CEDUC."  
1. Educação infantil. 2. Deficiência visual. 3. Lúdico. 4. Arte. I. Título  
21. ed. CDD 372

NELY GONÇALVES DE QUEIRÓS

**A ARTE E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 05 / 12 / 2018



Prof<sup>o</sup> Dr. Eduardo Gomes Onofre – UEPB  
Orientador



Prof<sup>o</sup> Dra. Diana Sampaio Braga – UEPB  
Examinadora



Esp. Dicle Marinho Oliveira Ramalho de Souza – UEPB  
Examinador

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida que me concede, por ser meu ajudador e me capacitar cada dia para vencer.

Agradeço ao meu esposo Maik (meu companheiro em melhor amigo) que me faz muito feliz e que me incentiva todos os dias a alcançar meus objetivos. O seu companheirismo me ajudou a superar todas as dificuldades enfrentadas ao longo do curso.

Ao meu filho Niedson, o pequeno grande amor da minha vida, que tem sido minha maior motivação para vencer.

Aos meus pais por terem sido alicerce em minha vida e que sempre guiaram meus passos pelos bons caminhos.

Aos meus irmãos Jabes, Kayan e Noemy, e a minha cunhada Ana Paula, por todo o apoio e incentivo.

Ao meu professor Orientador Eduardo Onofre, pelas orientações e por toda a força que me concedeu.

Às amigas, Ana Isabel, Débora, Eliane Leiliane, Rafaella e Albanisa, pela amizade construída no curso. Em especial à amiga Eliane, pois foi a partir de sua amizade que escolhi o tema deste trabalho.

Sejam estas minhas sinceras palavras de gratidão à todos (as) vocês.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1.....	23
IMAGEM 2.....	24
IMAGEM 3.....	25
IMAGEM 4.....	25
IMAGEM 5.....	25
IMAGEM 6.....	26
IMAGEM 7.....	26

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>7</b>
1.1 DEFICIÊNCIA VISUAL.....	7
<b>1.1.1 Baixa Visão.....</b>	<b>7</b>
1.1.1.1 Recursos Ópticos.....	8
1.1.1.2 Recursos Não Ópticos.....	8
<b>1.1.2 Cegueira.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1.3 Procedimentos Pedagógicos.....</b>	<b>10</b>
1.1.3.1 Iluminação.....	11
1.1.3.2 Contrastes.....	11
1.1.3.3 Ampliação.....	11
1.1.3.4 Guias De Leitura.....	11
1.2 ARTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	13
<b>1.2.1 Desenho E Pintura.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2.2 Música.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.3 Teatro.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.4 Dança.....</b>	<b>16</b>
<b>2.0 METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	17
2.2 INSTRUMENTO METODOLÓGICO.....	18
2.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	18
<b>3.0 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....</b>	<b>19</b>
3.1 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
3.2 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ADOTADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO INTITULADO “OS CABELOS DE LELÊ”.....	21
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>28</b>

## RESUMO

O tema que norteia esta pesquisa se refere a arte. O mesmo tem por objetivo apresentar a importância do ensino lúdico através da arte para o processo de aprendizagem de crianças com deficiência visual. A metodologia utilizada se caracteriza como descritiva, de abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada no Instituto dos Cegos de Campina Grande, nos períodos de: 18 de março de 2016 à 29 de abril de 2016; e 26 de setembro de 2016 à 19 de outubro de 2016; no horário de 13:30hs às 17:00hs; com quatro crianças cegas. Os resultados demonstraram que as crianças com deficiência visual (mais do que as videntes) necessitam de participar na escola de atividades artísticas, pois estas possuem poucas fontes de prazer, e muitas vezes são excluídas pela família do universo artístico, por acreditar que a arte só cabe aos videntes. Concluímos então, que o ensino de arte não deve ser negado aos alunos com deficiência visual só porque possuem a visão comprometida, pois esses alunos são capazes de aprender, reproduzir e criar arte através dos demais sentidos remanescentes: o tato, o olfato, o paladar e a audição. Cabe ao (a) professor(a) possibilitar aos seus alunos o acesso ao conhecimento, à comunicação e à aprendizagem significativa, estimulando nos alunos a autoexpressão, a criatividade e as possibilidades de transformação, garantindo assim a inclusão de forma adequada e o sucesso da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Deficiência Visual; Lúdico; Arte.

## INTRODUÇÃO

No contexto educacional, especificamente na Educação Infantil, a arte se apresenta como elemento fundamental no processo de aprendizagem de crianças com deficiência visual. Muitas crianças com deficiência visual só realizam atividades artísticas quando passam a freqüentar a escola, pois muitos pais lhes negam esse direito, acreditando que atividades artísticas como facilitadoras da aprendizagem só cabem às crianças videntes.

Para tanto, a questão central deste artigo se trata da importância da arte na educação inclusiva, pois a arte tem proporcionado importante papel na sociedade: fazer com que através dela, de forma lúdica, o indivíduo possa criar, reproduzir, expressar seus anseios, suas alegrias e transformar o mundo à seu ver.

A arte pode ser representada através de várias formas, como na pintura, no desenho, na música, no teatro, na dança, entre outros. Seu ensino não é dedicado apenas aos alunos videntes (como equivocadamente muitos pensam), mas, a todos os alunos com necessidades

---

<sup>1</sup>Email: [nelyqueiros@gmail.com](mailto:nelyqueiros@gmail.com)



educativas. Quanto aos alunos com deficiência visual, estes utilizam os demais sentidos (audição, tato, olfato e paladar) para apreciar e desenvolver as atividades artísticas.

A escolha do tema deste trabalho de conclusão de curso (TCC) se deu a partir da realização de dois estágios de observação participante, realizados nos períodos de: 18 de março de 2016 à 29 de abril de 2016; e 26 de setembro de 2016 à 19 de outubro de 2016, no horário de 13:30hs às 17:00hs; no Instituto dos Cegos de Campina Grande; na Educação Infantil, com três crianças cegas congênitas e uma criança cega adventícia.

O artigo está organizado em três capítulos e se apresenta da seguinte forma: no primeiro capítulo está apresentada a fundamentação teórica, abordando o tema “Deficiência visual: Cegueira e Baixa Visão”, e “A Arte na Educação Inclusiva”. O segundo capítulo apresenta a Metodologia utilizada na pesquisa. E o terceiro capítulo trata da Apresentação e Discussão dos dados, obtidos por meio da observação participante, que oportunizou o desenvolvimento de um projeto intitulado “Os Cabelos de Lelé”. Um projeto lúdico que abordou a questão das diferenças, por meios de atividades artísticas, de música, desenho, pintura, dança, etc.

## **1.0 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 DEFICIÊNCIA VISUAL**

A deficiência visual é considerada o comprometimento parcial ou total da visão, de um ou ambos os olhos. Esta por sua vez, não pode ser corrigida através do uso de lentes, nem de cirurgias oftalmológicas. Essa deficiência é classificada em dois tipos: baixa visão e cegueira.

#### **1.1.1 Baixa Visão**

A baixa visão é caracterizada pelo comprometimento do funcionamento visual em ambos os olhos e não pode ser corrigida com o uso de lentes de contato, óculos convencionais ou cirurgias oftalmológicas. De acordo com Domingues, Helena e Maria(2010), ela pode ser causada por enfermidades, traumatismos e também por disfunções que tornam o campo visual reduzido, causando dificuldade para enxergar de perto e/ou de longe, dificuldade para ler, reconhecer pessoas, contrastes, cores, etc.

Ainda de acordo com Domingues, Helena e Maria (2010), para investigar a possível ocorrência da baixa visão, devem ser observados os seguintes sinais: olhos vermelhos; lacrimejamento; piscar continuamente; sensibilidade à luz; tropeçar em objetos; aproximar os

olhos para ver objetos ou imagens; visão embaçada; tonturas; dores de cabeça; náuseas; esbarrar em pessoas; distrair-se facilmente; etc.

Quanto mais cedo a baixa visão for identificada, maiores serão as chances de desenvolvimento para a realização de atividades cotidianas, a partir de apoios médicos, familiares, educacionais e sociais. De acordo com Domingues, Helena e Maria (2010, p. 8):

A função visual é aprendida e por isso, quanto mais oportunidades de contato com as pessoas e objetos do meio, melhor a criança com baixa visão desempenhará atividades e desenvolverá habilidades e capacidades para explorar o meio ambiente, conhecer e aprender.

Desta forma, “o desempenho visual de uma pessoa com baixa visão pode ser desenvolvido e ampliado de forma gradativa e constante, pois a eficiência da visão melhora na medida de seu uso” (DOMINGUES, HELENA e MARIA, 2010, p. 10). Sendo assim, existem alguns recursos que podem ser utilizados para favorecer esse desempenho visual: os recursos ópticos e não-ópticos.

#### 1.1.1.1 Recursos Ópticos

Os recursos ópticos “são lentes de uso especial ou dispositivo formado por um conjunto de lentes, geralmente de alto poder, com o objetivo de magnificar a imagem na retina... são utilizados mediante prescrição e orientação oftalmológica” (SÁ, CAMPOS E SILVA, 2007, p. 19). Esses recursos são: lupas manuais ou lupas de mesa e de apoio, com lentes que ampliam imagens, o tamanho de fontes para a leitura, figuras, gráficos, etc; óculos bifocais, com lentes de aumento que servem para melhorar a visão de perto; telescópio, utilizado para leitura no quadro negro e também para a visualização de objetos distantes ou de pessoas.

#### 1.1.1.2 Recursos Não-Ópticos

Os recursos não-ópticos de acordo com Domingues, Helena e Maria (2010) referem-se às mudanças relacionadas ao ambiente, ao mobiliário, à iluminação e aos recursos para leitura e para escrita, e também auxílios de ampliação eletrônica e de informática. Esses recursos são: iluminação natural do ambiente; contraste nas cores, por exemplo: branco e preto; bonés; livros com textos ampliados; uso de lâmpadas incandescentes e/ou fluorescente no teto, etc.

### 1.1.2 Cegueira

Sá, Campos e Silva (2007) relatam que a cegueira pode ocorrer desde o nascimento (cegueira congênita), ou posteriormente (cegueira adventícia, usualmente conhecida como adquirida), em decorrência de causas orgânicas ou acidentais. Em alguns casos, a cegueira pode associar-se à perda da audição (surdocegueira) ou a outras deficiências. Muitas vezes, a perda da visão ocasiona a extirpação do globo ocular e a conseqüente necessidade de uso de próteses oculares em um dos olhos ou em ambos. Se a falta da visão afetar apenas um dos olhos (visão monocular), o outro assumirá as funções visuais sem causar transtornos significativos no que diz respeito ao uso satisfatório e eficiente da visão.

Para a pessoa cega locomover-se, realizar tarefas cotidianas e outras atividades é necessário fazer uso de bengala e/ou cão guia; sendo o uso da bengala o mais comum de ser utilizada.

A criança vidente desenvolve seus comportamentos a partir da observação, ou seja, ela aprende imitando, reproduzindo o que vê, diferente da criança cega. No entanto:

Durante o desenvolvimento da criança com cegueira, se não houver uma mediação adequada no sentido de estimular e criar outras formas de comportamento exploratório por meio do contato físico e da fala, ...as lacunas ocasionadas pela falta da visão podem ser preenchidas por comportamentos e por outras manifestações que fogem dos padrões visuais socialmente esperados. (DIAS e STLIEGLER, 2010, p. 31).

Esses comportamentos e manifestações são apresentados como maneirismos (movimentos repetitivos do corpo, das mãos ou da cabeça), ecolalias (repetição de palavras e frases, ou da fala de outra pessoa) e comportamentos estereotipados. Geralmente esses comportamentos são apresentados em crianças cegas congênitas, e muitas vezes podem ser confundidos como sinais de autismo.

As crianças cegas possuem condições diferenciadas das crianças videntes, em relação à comunicação e interação com o ambiente (brincar, correr, participar de jogos, etc). Portanto, é necessário despertar nas crianças cegas sua curiosidade e interesse por conhecer e identificar sons, descobrir o uso e função das coisas, e mover e localizar o corpo no espaço. De acordo com Brasil(2014):

O processo de aprendizagem dos alunos cegos se faz a partir dos sentidos remanescentes (tato, audição, olfato e paladar) exigindo o uso de brinquedos e materiais que facilitem a discriminação do tamanho, textura, volume, peso, identificação de sons, desenvolvimento da consciência corporal (despertando a

curiosidade, a vontade e a coragem para movimentar-se e participar em atividades coletivas, tanto com autonomia quanto com a ajuda e apoio dos colegas. (p. 38).

A criança cega necessita de mais tempo para conhecer coisas ou objetos, uma vez que usará o tato para obter informações sobre tamanho, peso, textura, dentre outras, analisando as partes para compreender o todo. Diferente das crianças videntes, que percebem de uma só vez a totalidade de uma determinada coisa ou objeto. No entanto, DIAS e STIEGLER(2010, p. 35) afirma: “o tato é uma via alternativa de acesso e processamento de informações que não deve ser negligenciada na educação”. A discriminação tátil é uma habilidade que deve ser desenvolvida em crianças cegas, de modo a torná-las incluídas nas aulas.

A escola é um ambiente de inclusão e que deve favorecer a interação e desempenho dos alunos cegos, a partir de brincadeiras e vivências em todas as situações ocorridas no ambiente escolar. “As crianças com cegueira devem contar com a mediação dos familiares e dos educadores para orientar suas atividades de exploração e de interação com o entorno por meio do contato físico, da fala e de outras estratégias não visuais” (DIAS e STIEGLER, 2010, p. 52). Dessa forma cabe aos educadores utilizar metodologias que propiciem a criança com cegueira, como também as crianças videntes, expor suas ideias, conhecimentos prévios, e suas opiniões.

As crianças videntes são inseridas no mundo do letramento muito antes de entrar na escola, ao ver a escrita em livros, no celular, na televisão e em muitos outros lugares. Já a criança cega somente apropria-se da escrita pelo Sistema Braille, e na maioria das vezes o primeiro contato somente acontece na sala de aula. O Sistema Braille foi criado por Louis Braille, em 1825, na França e de acordo com Sá, Campos e Silva:

(...) é conhecido universalmente como código ou meio de leitura de escrita das pessoas cegas. Baseia-se na combinação de 63 pontos que representam as letras do alfabeto, os números e outros símbolos gráficos. A combinação dos pontos é obtida pela disposição de seis pontos básicos, organizados espacialmente em duas colunas verticais com três pontos à direita e três pontos à esquerda de uma cela denominada cela Braille. (2007, p. 22).

Para que o aluno realize a escrita Braille é necessário fazer uso de uma reglete (régua de plástico, metal ou madeira, com um conjunto de celas Braille organizadas sobre uma base plana em linhas horizontais), e um punção (instrumento de plástico com ponta metálica, que serve para perfurar os pontos na cela Braille). A escrita deve ser realizada da direita para a esquerda e a leitura realizada da esquerda para a direita. “Esse processo de escrita tem a desvantagem de ser lento devido à perfuração de cada ponto, exige boa coordenação motora e

dificulta a correção de erros” (SÁ, CAMPOS E SILVA, 2007, p. 24). Sendo assim, para que o aluno com cegueira não perca o interesse em aprender a escrita Braille, é importante que este seja inserido na realização de tarefas conjuntas, no diálogo com os colegas e tenha acesso à leituras, para assim compreender a importância da escrita em sua vida.

### **1.1.3 Procedimentos Pedagógicos**

Considerando o desempenho visual de criança com baixa visão no ambiente escolar, Sá, Campos e Silva (2007, p. 18) destacam:

Para que o aluno com baixa visão desenvolva a capacidade de enxergar, o professor deve despertar o seu interesse em utilizar a visão potencial, desenvolver a eficiência visual, estabelecer o conceito de permanência do objeto, e facilitar a exploração dirigida e organizada.

No entanto, para que o aluno com baixa visão seja incluído no ambiente escolar, é necessário conhecer as possibilidades de trabalho que este aluno consegue desenvolver. Sendo assim, Domingues, Helena e Maria (2010) apresentam algumas medidas que devem ser tomadas pelo profissional da educação em sua sala de aula:

#### **1.1.3.1 Iluminação**

O(a) professor(a) deve controlar a iluminação da sala, tendo em vista o conforto visual de todos os alunos, pois alguns alunos podem enxergar melhor em ambientes menos iluminados, como aqueles que tem sensibilidade à luz (fotofobia), e outros podem preferir ambientes mais claros. O(a) professor(a) pode usar luminária portátil, localizada próxima ao aluno, quando a iluminação não for suficiente; e/ou uma cortina para evitar a incidência ou o excesso de luz para os alunos que apresentam fotofobia.

#### **1.1.3.2 contrastes**

O aumento do contraste pode ser obtido de diferentes formas, como o uso de cadernos com as folhas de cor clara com linhas escuras e a caneta preta ou azul-escura de ponta porosa; deve-se evitar o uso do giz cujas cores dificultem a visualização do aluno e facilitem os

reflexos de luz solar sobre a lousa; letras e números emborrachados de diferentes tamanhos e cores com contraste em amarelo, etc.

### 1.1.3.3 Ampliação

O professor pode fazer uso de objetos confeccionados ou adquiridos com tipos ampliados, como livros, jogos, baralhos, agendas, entre outros. Para assegurar um desempenho visual eficiente, além da ampliação de um texto, é necessário considerar o tipo de letra, o espaçamento entre as letras e as linhas, o tamanho das margens, o tipo de papel, a cor e o brilho.

### 1.1.3.4 Guias De Leitura

Régua vazada ou não, feita com papel cartão, plástico ou emborrachado preto ou escuro, sem brilho e retangular para destacar palavras ou uma ou mais linhas de um texto.

Ainda de acordo com Celma, Silvia e Sônia (2010), o esforço visual (uso constante da visão) não é prejudicial aos olhos e deve ser estimulado. O aluno deve escolher o lugar em que consegue desempenhar melhor as suas atividades em sala de aula e é recomendável que o professor leia, em voz alta, quando escreve na lousa, e que permita que o aluno se aproxime para realizar a leitura. É necessário também que o professor faça a áudiodescrição quando utilizar em suas aulas recurso visuais (mapas, figuras, vídeos, entre outros).

Quanto aos alunos com cegueira, estes devem ter acesso aos mesmos conteúdos escolares que os alunos videntes estudam em sala de aula. Sendo assim, é necessário que o discente tenha conhecimento de como ensinar aos alunos cegos. Brasil (2014, p. 44) afirma que “o professor precisa empregar recursos pedagógicos e metodológicos que favoreçam a compreensão e o acesso aos conteúdos escolares. A falta de experiências significativas pode dificultar a elaboração e desenvolvimento de conceitos”.

Nesse sentido, alguns recursos que o professor pode utilizar em suas aulas, tanto com os alunos com cegueira, quanto com os com baixa visão, são: sorobã (um tipo de ábaco para trabalhar cálculos e operações matemáticas); livros adaptados em áudio, em Braille, e com desenhos em relevo; jogos de encaixe, textura, etc; tangran, para trabalhar as formas geométricas, raciocínio e criatividade; e também meios tecnológicos, possibilitando a pesquisa e o acesso ao conhecimento através da internet. Sá, Campos e Silva (2007, p. 26) salientam:

A variedade, a adequação e a qualidade dos recursos disponíveis possibilitam o acesso ao conhecimento, à comunicação e à aprendizagem significativa. Recursos tecnológicos, equipamentos e jogos pedagógicos contribuem para que as situações de aprendizagem sejam mais agradáveis e motivadoras em um ambiente de cooperação e reconhecimento das diferenças.

Convém destacar que muitos recursos e jogos didáticos podem ser confeccionados com materiais recicláveis, como: jogo “resta um”, feito com embalagem de ovos e bolas de isopor; ceta Braille, feita com caixa de fósforo e emborrachado; figuras geométricas, feitas de papelão; entres outros. O importante é tornar as aulas lúdicas para que os alunos aprendam de forma prazerosa.

Além dos recursos pedagógicos já citados, algumas medidas devem ser tomadas pelo professor em sala de aula, por exemplo: manter o mobiliário da sala, em um único lugar; a porta deve permanecer completamente aberta ou fechada, para evitar acidentes; os materiais utilizados pelos deficientes visuais devem ter um local adequado e fixo; e qualquer mudança ocorrida na sala deve ser avisada.

## 1.2 ARTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A arte é muito importante na vida de todas as pessoas e é considerada uma ferramenta indispensável na educação, principalmente para o processo de aprendizagem de crianças com necessidades educativas. De acordo com Ferreira:

A arte está presente desde o início da história da humanidade, ela surgiu através das primeiras manifestações gráficas representadas nas paredes e tetos das cavernas, onde o homem teve que aprender de algum modo a sua técnica e sua função, e através dela expressar seus sentimentos e ações cotidianas. (2016, p. 7)

Neste sentido, a arte tem proporcionado importante papel na sociedade: fazer com que através dela o indivíduo possa criar, reproduzir, expressar seus anseios, suas alegrias e transformar o mundo à seu ver. Para FERREIRA(2016, p. 19)“a arte se torna uma prática criadora, é uma criação humana com valores estéticos, é a expressão do belo, onde o homem procura transmitir em suas obras de arte as suas emoções e seus sentimentos, e através dela contar”.

O ensino de arte nas escolas é uma forma de ensino lúdico e prazeroso, que desperta nos alunos a curiosidade, entusiasmo e o interesse em participar das atividades artísticas. Diferentemente de um ensino tradicional, que se limita a transmissão e reprodução de informações, tornando as aulas cansativas desinteressantes. Ferreira(2016,p. 19) afirma que:

O ensino de arte é uma forma de promover a percepção, a criatividade e a cultura dos alunos com necessidade especiais, pois esses têm poucas oportunidades de realização, poucas fontes de prazer, portanto, é necessário que essas pessoas descubram valores em suas vidas, sintam-se importantes, úteis e amadas e a arte possibilita essa igualdade e essa integração, facilitando o desenvolvimento do ser humano.

Neste sentido, todos os alunos com necessidades educacionais devem ter acesso ao ensino de arte, uma vez que, através dela esses alunos serão desenvolvidos nos aspectos emocionais, intelectuais e sociais. A arte “oferece experiências estéticas, visuais, táteis e sonoras, onde leva o ser humano a desenvolver expressões criativas, fazendo com que perceba o mundo ao seu redor” (GZGIK e ARRUDA, 2014, p.4). Ela pode ser representada através de várias formas, como na pintura, no desenho, na música, no teatro, na dança, entre outros.

### **1.2.1 Desenho E Pintura**

Desde muito cedo, antes mesmo de freqüentar a escola, as crianças videntes já realizam atividades de desenhar e pintar. Já para as crianças cegas esses tipos de atividades só lhes são oportunizadas no ambiente escolar, pois na maioria dos casos a família não tem o entendimento de que uma criança cega é capaz de desenhar, pintar e produzir a partir da sua imaginação; consideram essas atividades exclusivas às crianças videntes. Para DUARTE (2004, p. 138) “ensinar uma criança cega a desenhar tem como meta imediata integrá-la a uma brincadeira infantil extremamente visual desde os primórdios da história da humanidade” (apud FERNANDA, 2009, p. 34).

O(a) professor(a) deve proporcionar atividades de artes para os alunos com deficiência visual, pois apesar da ausência da visão, eles são capazes de “ver” com as mãos. “As mãos são os olhos das pessoas com deficiência visual. O uso das mãos como instrumento de percepção deve ser intensamente estimulado, incentivado e aprimorado” (GIL, 2000, p. 24).

Desenhos em relevo e obras de arte adaptadas com linhas de contorno táteis são algumas alternativas que podem ser utilizadas para que os alunos compreendam determinadas imagens; juntamente com a descrição verbal, pois “imagem em relevo sem a mediação correta e a sistematização de sua leitura, torna-se apenas um emaranhado de pontos, linhas e texturas, que fazem pouco sentido para uma pessoa cega” (FERNANDA, 2010, p. 5).

Os alunos cegos podem fazer desenhos em papel ofício, cartolina, madeira, telas, entre outros; utilizando lápis comum, hidrocor, giz de cera, etc. Podem fazer também desenhos com cola e depois colocar areia, glíter, missangas, entre outros, sobre a cola para que o desenho



fique em alto relevo. Quanto a pintura, pode ser feita com pincel, com os dedos, com esponja, etc; utilizando lápis de pintura, giz de cera, tintas, entre outros. Para Pereira e Costa,

(...) o professor de Artes não deve achar estranho que um indivíduo venha a realizar produções artísticas com uso de recortes e colagens: tesoura, cola e papel em suas mãos podem gerar obras criativas; (...) O uso das tintas em uma superfície pode gerar trabalhos surpreendentes. Talvez o professor possa se perguntar, “Por que eu daria tintas para meus alunos que não enxergam?” Ora, as tintas têm uma textura, têm temperatura, têm cheiro. Com as cores, mesmo sem enxergar, eles podem fazer combinações conforme a sua criatividade e conhecimento. Não se pode omitir informações, mesmo que sejam abstratas, aos cegos, porque eles estão convivendo num mundo predominantemente visual, onde a sua casa tem uma cor, suas roupas, seus móveis, suas louças, enfim tudo na vida é cor, é forma. Ele pode não conhecer as cores como os que enxergam as conhecem, mas pode combiná-las de modo adequado conforme a sua cultura e com isto se inserir cada vez mais na sua sociedade.(2009, p. 97)

De acordo com esta citação, o ensino de arte não deve ser negado aos alunos com deficiência visual só porque possuem a visão comprometida, pois esses alunos são capazes de aprender, reproduzir e criar arte através dos demais sentidos remanescentes: o tato, o olfato, o paladar e a audição. “A importância da arte na educação especial é procurar estimular nos alunos a auto expressão, possibilitando o desenvolvimento da criatividade, flexibilidade, reflexão e conhecimento” (GZGIK e ARRUDA, 2014, p. 6).

### **1.2.2 Música**

A música é uma linguagem capaz de expressar os diversos afetos de nossa alma mediante o som, como os sentimentos, pensamentos e sensações. Ela está presente em todas as culturas, nos mais diversos acontecimentos: festas, comemorações, cultos religiosos, etc. De acordo com Eduardo e Caroline (2010):

Independentemente do seu papel dentro da sociedade, a música exerce forte atração sobre os seres humanos, fazendo mesmo que de forma inconsciente que nos relacionemos com ela. Muitas vezes quando a ouvimos começamos a nos familiarizar, movimentando o corpo ou cantarolando pequenas partes da melodia (p. 98)

Neste sentido, é correto afirmar que a música se apresenta na vida das pessoas desde o nascimento, quando alguém canta para o bebê dormir, ou para a criança realizar atividades diárias, como tomar banho, se alimentar, etc. Na escola as crianças também cantam e ouvem

músicas, seja na hora do lanche, da higiene, em datas comemorativas, ou para discipliná-las. Sendo assim, Eduardo e Caroline (2010) afirmam:

O objetivo primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes. Além disso, o trabalho com música envolve a construção de identidades culturais de nossas crianças, adolescentes e jovens e o desenvolvimento de habilidades interpessoais.(p.100)

Com base nesta citação, a música deve ser utilizada no contexto escolar de modo a desenvolver nos alunos o conhecimento das manifestações de outras culturas. Seu uso não deve ficar restrito apenas às atividades rotineiras (já citadas anteriormente). Deve também está voltada para favorecer a compreensão de como as crianças se desenvolvem e aprendem. Para Bréscia (2003, p. 82),

Ao trabalhar com som, a criança aguça sua audição, ao acompanhar gestos, ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção, ao cantar ou imitar sons, ela está estabelecendo relações com o ambiente em que vive. O aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo. (apud FÁTIMA, 2012, p.6)

Além disso, através da música também são trabalhadas questões de ritmo, concentração, lateralidade, tempo, sentimentos, emoções, etc. Daí, a importância de trabalhar a música na educação infantil, principalmente para favorecer a inclusão de alunos com deficiência. Para SOARES (2013), a música tem o poder de fascinar e envolver, e isso faz com que os alunos aprendam com mais facilidade os conteúdos apresentados por meio dela.

### **1.2.3 Teatro**

O teatro é uma linguagem artística muito importante na aprendizagem e desenvolvimento das crianças com deficiência visual. Ele trabalha a atenção, observação, concentração, criatividade, percepção espacial e corporal. Para Sanches,

Os objetivos e conteúdos do ensino de arte, portanto são os mesmos para todos os alunos, tenham ou não deficiência visual. A educação do aluno com deficiência visual requer apenas adequações curriculares, o que implica transferência da visão para os sentidos auditivo,, tátil e cinestésico com vias de instrução, aprendizagem e orientação” (2011, p. 75).

O teatro deve ser considerado pelo(a) professor(a) uma prática para desenvolver as potencialidades, criatividade e habilidades das crianças. Segundo Sanches (2011), por meio das atividades teatrais a habilidade corporal das pessoas é desenvolvida, por meio de movimentos e ações. É desenvolvida também a percepção, relacionando posição, distância, forma, altura, largura, peso de objetos, e utilização de sons como pistas auditivas para sua orientação. Além disso, os alunos desenvolvem também a consciência de participação em grupo, a habilidade de pensamento crítico, de fala e empatia.

#### **1.2.4 Dança**

A atividade de dança deve fazer parte do ensino educacional, e esta por sua vez não deve ser negada aos alunos com deficiência. Quanto aos alunos com deficiência visual, “é necessário entender que as capacidades e habilidades do indivíduo cego não estão limitadas; a organização perceptiva é que se processa de maneira diferente devido à ausência da visão” (Maria e Silva, 2008, s/p).

A dança melhora o equilíbrio e a locomoção; facilita a compreensão do tempo/espço, as noções de lateralidade e o controle postural; permite descobrir suas habilidades e explorar o corpo, garantindo assim, mais autonomia à criança com deficiência visual. Segundo KURSCHNER (et al, 2013),

A dança proporciona muitas vantagens para as pessoas em geral, em especial para os deficientes visuais ela aprimora o seu ritmo, sincronia e percepção espacial, assim desenvolvendo suas habilidades físicas e corporais que muitas vezes são esquecidas pelos mesmos. Os movimentos realizados através da dança apresentam o intuito de um aumento da flexibilidade, elasticidade, deslocamento, resistência e o principal, que é de suma importância, o equilíbrio( p, 793).

Neste sentido, destaco a dança como um meio muito importante para enriquecer a identidade e autonomia das crianças, a partir do uso da sua imaginação, na dimensão expressiva dos movimentos que realizam com o seu corpo.

Tanto a dança quanto as atividades de desenho, pintura, teatro e músicas, devem fazer parte da educação infantil, pois “o sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno” (TERESA, 2003, p.38). Esses tipos de atividades são estratégias que o(a) professor(a) deve utilizar para garantir de forma adequada a inclusão dos alunos com deficiência visual no ambiente escolar.

## 2.0 METODOLOGIA

### 2.1 TIPO DE PESQUISA

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Costa (2007) é uma pesquisa descritiva, na qual as informações obtidas não podem ser quantificadas. Os dados obtidos são analisados, e a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo da pesquisa.

A pesquisa foi fundamentada nos pressupostos da Educação Especial, do Ensino Lúdico e da Arte, tendo como base as contribuições oferecidas pelo RECNEI e pelos pesquisadores Kaercher, Barreiros, Aparecida e Martini, Eduardo e Caroline, entre outros.

### 2.2 INSTRUMENTO METODOLÓGICO

O instrumento metodológico da pesquisa se constitui em observação participante na Educação Infantil, ocorridas em dois períodos diferentes. Para LUCKE e ANDRÉ,

Os trabalhos de observação participante têm sua tradição na antropologia e na sociologia, disciplinas que cederam emprestado a técnica ao campo da pesquisa educacional. A observação participante combina simultaneamente a análise documental, (...) a participação e observação direta e a introspecção. Conseqüentemente, é um tipo de estratégia que pressupõe um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada. (1986, p. 45).

A observação participante foi realizada nos períodos de: 18 de março de 2016 à 29 de abril de 2016; e 26 de setembro de 2016 à 19 de outubro de 2016, no horário de 13:30hs às 17:00hs, no Instituto dos Cegos de Campina Grande.

Por meio dela compreendi como acontece o processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência visual, a partir de um ensino lúdico, com contação de histórias, rodas de conversa, atividades de desenho e pintura, jogos de texturas, aula de música com instrumentos sonoros: violão, chocalho, bumbo, etc.

Contribui para a aprendizagem das crianças, a partir do desenvolvimento de um projeto intitulado “Os cabelos de Lelé”, que teve por objetivo abordar a questão das diferenças, enfatizando a importância e a necessidade de respeitar o “outro”.

Esse projeto surgiu como requisito do componente curricular Estágio supervisionado IV, da UEPB. Foram desenvolvidas atividades lúdicas com contação de história, música, rodas de conversa, quebra cabeça, jogo da memória, confecção de bonecos com massinha de

modelar, entre outras. As atividades foram registradas por meio de fotografias e diário de campo.

## 2.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Instituto dos Cegos de Campina Grande. PB. Localizado na rua: João Quirino. nº 33, bairro: Catolé.

O Instituto foi inaugurado no ano de 1971 e foi nomeado Instituto de Educação e Assistência aos Cegos do Nordeste. A construção da sede teve início em 1968 (com a ajuda do Governo Federal e Estadual), num terreno doado pela prefeitura municipal de Campina Grande, no ano de 1964. Em 1994 o Instituto teve suas portas fechadas, para investigação de desvios de verbas e em 2000 foi reaberto pelo professor Jonhon Queiróz de Oliveira.

O Instituto tem o objetivo de preparar as pessoas com deficiência visual para sua integração na sociedade, através de um processo educacional voltado para o desenvolvimento da personalidade e do conhecimento de seus deveres e direitos.

Atualmente a instituição funciona em horário integral e atende mais de 150 deficientes visuais, sendo estas pessoas com cegueira (congenita e adquirida) e baixa visão; oferecendo-lhes aulas de orientação e mobilidade, aulas de música, de Braille, de informática, esportes adaptados, entre outros.

A instituição atende alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio, no horário de 13:30 às 17:00. As salas de aula não são nomeadas como séries, pois os alunos frequentam a escola regular; eles recebem no instituto apenas um atendimento especializado e de apoio.

Os participantes da pesquisa foram 4 crianças, de ambos os sexos e da faixa etária de 3 e 5 anos. Uma criança possui cegueira adquirida e as demais possuem cegueira congênita. Participou também a professora, que é licenciada em Pedagogia.

## 3.0 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 3.1 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante o período de Estágio foi observado, em linhas gerais, que os conteúdos trabalhados são planejados pela professora, de modo a atender a especificidade, a capacidade e o tempo de cada criança.

As professoras utilizam brinquedos variados; jogos de encaixe de diversos tamanhos, para treinar a coordenação motora ampla e a coordenação motora fina; livros de histórias adaptados, com imagens em alto relevo e escrita em braille; jogos para trabalhar tipos de texturas, cores, formas geométricas, tamanhos e quantidades, etc. Todos os materiais utilizados são adaptados para que as crianças adquiram o aprendizado, a partir dos demais sentidos: audição, olfato, paladar e o tato.

As crianças participam também de aulas de música, com instrumentos sonoros como violão, teclado, bombo, triângulo, chocalho, etc. A professora canta com as crianças e utiliza esses instrumentos, fazendo com que através da música cantada e tocada, e dos sons produzidos por eles sejam trabalhados: ritmo, atenção, silêncio, concentração, coordenação motora, expressão corporal, etc. Para Eduardo e Carolina (2010, p. 98),

(...) a música exerce forte atração sobre os seres humanos, fazendo mesmo que de forma inconsciente que nos relacionemos com ela, muitas vezes quando a ouvimos começamos a nos familiarizar, movimentando o corpo ou cantarolando pequenas partes da melodia. As crianças quando brincam ou interagem com o universo sonoro, acabam descobrindo mesmo que de maneira simples, formas diferentes de se fazer música.

Aos iniciantes no Braille, o trabalho é realizado de forma passiva, pois segundo a professora, as crianças se cansam rápido quando ainda não tem a prática de escrever e manusear os equipamentos (reglete e pulsão), e se insistir eles podem perder o interesse total pelo Braille. Outras crianças faltam muito e quando retornam à escola voltam desestimulados, muitas vezes, até esquecidas do que já aprenderam.

Conversa informal, desenho e pintura, contação de histórias e músicas (cantadas e tocadas pelos alunos e a professora de música — no violão, por exemplo) também fazem parte do cotidiano das crianças. Sempre que uma atividade didática é concluída as crianças são livres para escolher qualquer brincadeira. De acordo com Lopes (2006, p.110),

Brincar é umas das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais. (apud, APARECIDA e MARTINI, 2007, p. 3).

As crianças gostam das atividades, das brincadeiras e interagem constantemente com os coleguinhas e professora, a fim de adquirir novos conhecimentos. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), “nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próprias e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem”.

As crianças se sentem livres para se expressarem, questionarem, apresentarem seus conhecimentos de mundo, e suas colocações são valorizadas, recebem a atenção da professora, que esta por vez amplia os conhecimentos dessas crianças. “Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da Educação Infantil e de seus profissionais” (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 21)

Para garantir o interesse das crianças pelas atividades e a satisfação das mesmas em fazer parte desse âmbito escolar, as professoras sempre utilizam metodologias diversificadas, atividades lúdicas e meios inovadores, que favoreçam o desenvolvimento das crianças, nos aspectos físicos, sociais e psicológicos.

### 3.2 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ADOTADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, A PARTIR DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO INTITULADO “OS CABELOS DE LELÊ”

As atividades realizadas no estágio foram desenvolvidas de forma coletiva e individual com as crianças, de acordo com a rotina estabelecida na instituição.

Dia 26/09/2016 – No 1º momento desenvolvi a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente”. De forma lúdica e indireta, as crianças já foram introduzidas no assunto que iria ser trabalhado com elas durante todo o período do estágio, através dessa música. “... a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. (BRASÍLIA, 1998, p. 49). Após ouvi-la, as crianças citaram as diferenças apresentada na música. Em seguida se apresentaram e falaram das suas preferências: do que gostam de fazer, de comer, de usar e de brincar. Depois apresentei aos pequenos o projeto que estava sendo desenvolvido.

Utilizei uma caixa surpresa contendo uma boneca, para a contação da história “Os cabelos de Lelê”. As crianças manusearam a caixa e citaram diversos objetos e alimentos que poderiam conter dentro, como: “pipoo’s, guaraná, meia e carro”. Ao retirar a boneca da caixa,

as crianças ficaram surpresas; algumas reagiram com naturalidade ao conhecer os cabelos crespos da boneca, outras agiram com indiferença e desprezo, afirmando ser feio (imagem 1).

Essa atitude de não aceitar o outro como ele é, pode ter sido construída a partir das relações na família, na escola e/ou na sociedade, que transmitem essa postura à criança, que inconscientemente reproduz o que aprendeu. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998) “Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem”.

A história “Os cabelos de Lelê” fala de uma menina negra, de cabelos crespos, que não aceitava o cabelo que tinha, ela afirmava que era feio e desarrumado o tempo todo. Mas no final ela se aceitou como era e entendeu que todos são diferentes. A partir dessa história as crianças incorporaram os ensinamentos de respeito ao “outro”, levando-os para a sua vida e demonstrando-os através das suas atitudes. De acordo com Barreiros:

Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas etc. propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afrobrasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade. (2010, p. 5)

As crianças só tomaram conhecimento da história “Os cabelos de Lelê” neste dia, e esta história foi capaz de possibilitar uma relação de prazer das crianças com a leitura. Quanto a prática de ouvir e contar histórias KAERCHER (2001, p. 82) afirma: “(...) quanto mais acentuarmos no dia-a-dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento”.



Imagem 1:



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Dia 28/09/2016

Iniciei com a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente” e em seguida as crianças recontaram a história de Lelê, socializando os conhecimentos adquiridos e ampliando a contação da história com suas imaginações e criatividade. Permitir que as crianças ouçam e recontem histórias é importante para despertar o interesse pela leitura e desenvolver o respeito pelas diferenças. Depois montaram um quebra cabeça em E.V.A do corpo da boneca (imagem 2), que desenvolveu nas crianças a atenção, a coordenação motora, e propiciou aprendizagens, como conhecimento de texturas, formatos e tamanhos.

Imagem 2



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Dia 29/09/2016

Iniciei a aula desenvolvendo a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente”. Apresentei os amigos de Lelê (um boneco e uma boneca) e pedi para que as crianças nomeassem. Os nomes dados foram João Pedro e Ana Sibeles. Permitir que elas nomeassem os bonecos contribuiu para o entendimento das crianças de que o nome é uma característica própria do sujeito, faz parte de sua identificação. Em seguida as crianças identificaram as diferenças encontradas entre os três bonecos, como cabelos, roupas, acessórios, ausência de um braço em um personagem, etc (imagem 3).

Essa atividade foi muito significativa, pois fez com que as crianças compreendessem que cada pessoa é única e diferente, quer seja no modo de se vestir, na cor da pele, no cabelo, fisicamente, etc, considerando que, todos são diferentes no modo de ser, mas enquanto sujeito de direitos, todos são iguais. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998) “nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhes são próprias e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem”.

Imagem 3



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Dia 17/10/2016

Iniciei a aula desenvolvendo a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente”. Em seguida as crianças compararam o tamanho dos bonecos e identificaram como sendo maior e menor (imagem 4). Depois medi as crianças na parede para que elas conhecessem sua própria altura e a altura dos colegas. Logo após distribui massinhas de modelar para que fizessem bonecos e comparassem os tamanhos (imagem 5). Essas atividades foram importantes pois permitiram que as crianças conhecessem a altura dos colegas, e relacionassem os conceitos matemáticos “alto, baixo, maior e menor” às medidas feitas com os colegas e com os objetos.

Imagem 4



imagem 5



Fonte: Arquivo da pesquisa. Fonte: Arquivo da pesquisa.

Dia 19/10/2016

Iniciei a aula com a seguinte atividade: acolhida das crianças com a música “Como é bom ser diferente”. Em seguida as crianças brincaram com um jogo da memória (feito com E.V.A e diferentes tipos de cabelos), para encontrar a peça que correspondia aos cabelos de Lelê. Depois confeccionamos uma boneca de tecido, também chamada Lelê, que ficou na escola. As crianças desenharam e pintaram os olhos, a boca e o nariz e colaram os cabelos (imagem 6). Por fim, realizamos a culminância do projeto: exposição dos momentos vividos, materiais utilizados e confeccionados pelas crianças, entre outros.

A culminância do projeto foi um momento muito rico e significativo, pois as crianças puderam ver todos os materiais utilizados e confeccionados por elas durante todo o estágio (imagem 7). E o mais significativo: demonstraram por meio de diálogos e atitudes a importância e a necessidade de respeitar o “outro”.

Imagem 6 imagem 7



Fonte: Arquivo da pesquisa



Fonte: Arquivo da pesquisa

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos e da pesquisa realizada com as crianças com deficiência visual do Instituto dos cegos de Campina Grande podemos perceber que a arte tem ganhado cada vez mais espaço no contexto escolar, pois através de atividades artísticas os alunos assimilam os conteúdos trabalhados com mais facilidade e de forma prazerosa. O ensino artístico envolvendo a música, o desenho, a pintura, a dança, o teatro, entre outros, se torna essencial na educação das crianças, principalmente daquelas com necessidades educativas.

O ensino de arte é de fundamental importância no contexto escolar, pois a arte existe desde o princípio da história da humanidade e através dela é possível compreender o modo como cada pessoa cria, reproduz, expressa seus anseios, suas alegrias, e como compreende o mundo ao seu redor, transformando-o a seu ver.

A partir do desenvolvimento do projeto “Os Cabelos de Lelê”, que envolveu atividades artísticas de musicalização, desenho, pintura, dança, etc, foi possível perceber que as crianças com deficiência visual (mais do que as videntes) necessitam de participar na escola de atividades artísticas, pois estas possuem poucas fontes de prazer. Muitas vezes é negado (pela família) a essas crianças o direito de participar de atividades artísticas; quando a família acredita que essas atividades são necessárias apenas para crianças videntes.

Em suma, o ensino de arte não deve ser negado aos alunos com deficiência visual só porque possuem a visão comprometida, pois esses alunos são capazes de aprender, reproduzir e criar arte através dos demais sentidos remanescentes: o tato, o olfato, o paladar e a audição. Cabe ao (a) professor(a) possibilitar aos seus alunos o acesso ao conhecimento, à comunicação e à aprendizagem significativa, estimulando nos alunos a autoexpressão, a criatividade e as possibilidades de transformação, garantindo assim a inclusão de adequada e o sucesso da aprendizagem.

## **ABSTRACT**

El tema que orienta esta investigación se refiere al arte. El mismo tiene por objetivo presentar la importancia de la enseñanza lúdica a través del arte para el proceso de aprendizaje de niños con discapacidad visual. La metodología utilizada se caracteriza como descriptiva, de abordaje cualitativo. La investigación fue realizada en el Instituto de los Ciegos de Campina Grande, en los períodos de: 18 de marzo de 2016 al 29 de abril de 2016; y el 26 de septiembre de 2016 al 19 de octubre de 2016; en el horario de 13: 30hs a las 17: 00hs; con cuatro niños ciegos. Los resultados demostraron que los niños con discapacidad visual (más que las videntes) necesitan participar en la escuela de actividades artísticas, pues éstas poseen pocas fuentes de placer, y muchas veces son excluidas por la familia del universo artístico, por creer que el arte sólo de los videntes. Concluimos entonces, que la enseñanza de arte no debe ser negada a los alumnos con discapacidad visual sólo porque poseen la visión comprometida, pues estos alumnos son capaces de aprender, reproducir y crear arte a través de los demás sentidos remanentes: el tacto, el olfato, el paladar y la audición. El profesor (a) permite a sus alumnos el acceso al conocimiento, a la comunicación y al aprendizaje significativo, estimulando en los alumnos la autoexpresión, la creatividad y las posibilidades de transformación, garantizando así la inclusión adecuada y el éxito el aprendizaje.

**Palabras clave:** Educación infantil; Deficiencia visual; lúdica; Art.

## REFERÊNCIAS

BARREIROS, Ruth Ceccon. **Leitura e Formação Identitária na Literatura Infantil Afrobrasileira**. Unioeste – Cascavel, PR. 2010.

BARROS, Olindair Ferreira de Lima. **O Ensino de Artes no Contexto da Educação Especial: Uma experiência Didática**. Grossos-RN, 2016. P 6-20..

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARLOS, Eduardo de Souza; Joly, Maria Carolina Leme. **A importância do ensino musical na educação infantil**. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, 2010.

CORREIA, Márcia Soares. **A importância da música na educação infantil**. – João Pessoa: UFPB, 2013.

DOMINGUES, Celma dos Anjos; SÁ, Elisabet Dias de; CARVALHO, Sílvia Helena Rodrigues de; ARRUDA, Sônia Maria Chadi de Paula Arruda; SIMÃO, Valdirene Stiegler. **Os Alunos com Deficiência Visual: Baixa Visão e Cegueira**. Brasília, 2010.

GIL, Marta. Deficiência visual. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação à distância. 2000.

GZGIK, Maricleide; ARRUDA, Gisele. A importância do ensino da arte na educação especial. – III CONAPE – Francisco Beltrão/PR, 2014.

KAERCHER, Gládis E. e por falar em Literatura. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gladis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: ARTMED, 2001, p.81-88.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **E.D.A.pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como Fazer?.** – São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINI, Marilaine; SALOMÃO, Hérica Aparecida Sousa. **A Importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado.** 2007.

MORAIS, Diele Fernanda Pedrozo de. **“Imagem também se lê com as mãos”.** Um relato da leitura de imagens com crianças cegas. UDESC, 2010.

MORAIS, Diele Fernanda Pedrozo de. **Artes visuais para deficientes visuais: o papel do professor no ensino de desenho para cegos.** Florianópolis/SC, 2009.

PEREIRA, Josefa Lúcia Costa; COSTA, Maria da Piedade da. **O aluno com deficiência visual em sala de aula: informações gerais para professores de artes.** Revista Eletrônica de Educação. v. 3, n. 1, 2009.

PEREIRA, Josefa Lúcia Costa; PEREZ, Sizara da Silva; ROSSO, Juliana Torres de; SELLE, Jéssica Kurschner; SPERB, Pauline Martins. **INSERÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL NA DANÇA.** Londrina, 2013.

PIRES, Maria de Fátima de Souza. **Musicalização na educação Infantil.** Florianópolis, 2012.

RABBÊLO, Roberto Sanches. **Teatro-Educação: uma experiência com jovens cegos.** Salvador: EDUFBA, 2011.

RODRIGUES, Willian Costa. **Metodologia Científica.** FAETEC/IST. Paracambi, 2007.

SÁ, Elisabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Inclusão Escolar de Alunos Cegos e Com Baixa Visão.** In: DEFICIÊNCIA VISUAL. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

SOUSA, Carlos Eduardo de; JOLY, Maria Carolina Leme. **A importância do ensino musical na educação infantil.** São Carlos, 2010.

VIANA, Carlos Roberto; GRECA, LizmariCrestiane Merlin; SILVA, Rosane Aparecida Favoreto. **Quem São eles? Os Aluno da Minha Sala de Aula?** In: EDUCAÇÃO INCLUSIVA. Brasília, 2014.